



## ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BAIÃO

### RESUMO DA SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL COMEMORATIVA DOS 44 ANOS DO VINTE E CINCO DE ABRIL

**DATA:** Vinte e cinco de Abril de dois mil e dezoito -----

**LOCAL:** Salão Nobre dos Paços do Concelho -----

**INÍCIO DA SESSÃO:** Onze horas -----

#### CONSTITUIÇÃO DA MESA

José Luís Pereira Carneiro  
Joaquim Paulo de Sousa Pereira  
Pedro Sacchetti Teixeira de Sousa  
Ana Raquel Coelho Azevedo

#### VEREADORES

José Fernando Pinho Silva  
Miguel Afonso Costa Lima Dinis Correia  
Anabela Rodrigues Cardoso  
Henrique Gaspar Ribeiro  
Maria da Anunciação Coutinho Gonçalves Gouveia  
José Manuel Lima Soares

#### MEMBROS ELEITOS E PRESIDENTES DE JUNTA DE FREGUESIA PRESENTES

Luis Manuel de Carvalho	Manuel António Pinto Pereira (Santa Marinha do Zêzere)
José de Sousa Carneiro Pereira	Daniel António da Silva Guedes (Ancede e Ribadouro)
Paulo Sérgio Ferraz	Filipe Manuel da Cunha Ferraz Fonseca (Campelo e Ovil)
Ana Marta Ribeiro da Silva	Joaquim Manuel Carneiro Pereira (Grilo)
Carmina Fátima Monteiro	Armando Paulo Miranda da Fonseca (Frende)
José de Matos Dias Teixeira	Ilda Maria de Azevedo Borges (Valadares)
Cristina Alexandra Sequeira	António Freitas Magalhães (Viariz)
Maria Manuela M. Mendes Miranda	Fernanda Soares (Rep. Gôve)
	José Gouveia (Rep. S. C. Douro e S. T. Covelas)

#### PROGRAMA

- **Abertura da Sessão Solene pelo Presidente da Assembleia Municipal**
- **Intervenções do Presidente da Assembleia Municipal, dos Porta-Vozes dos Partidos com representação na Assembleia e do Presidente da Câmara Municipal de Baião**
- **Encerramento da Sessão pelo Presidente da Assembleia Municipal**



## ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BAIÃO

----- O Senhor Presidente da Assembleia Municipal deu início à Sessão dando as boas vindas e agradecendo a presença dos Membros da Assembleia Municipal, Presidentes de Junta, Mesa, Executivo Municipal, convidados e comunicação social. O teor da sua intervenção fica apenso e faz parte integrante deste documento (**Doc. 1**). -----

----- De seguida, intervieram os Porta-Vozes dos Partidos na Assembleia Municipal, Dra. Ana Raquel Coelho Azevedo, do Partido Social Democrata, e Dr. Pedro Sacchetti Teixeira de Sousa, do Partido Socialista, cujas intervenções ficam apensas e fazem parte integrante deste documento (**Docs. 2 e 3**). -----

----- Depois, usou da palavra o Senhor Presidente da Câmara Municipal, cuja intervenção fica apensa e faz parte integrante deste documento (**Doc. 4**). -----

----- Finalmente, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal agradeceu as intervenções proferidas. Agradeceu, também e uma vez mais, a presença de todos, em especial, às Corporações dos Bombeiros Voluntários de Baião e de Santa Marinha do Zêzere, às instituições e associações presentes, e deu por encerrada a Sessão, pelas 12H00, convidando os presentes, como é hábito, a cantarem o Hino Nacional. -----

*Assembleia Municipal de Baião, 25 de Abril de 2018*

Dr. José Luís Pereira Carneiro



## ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE BAIÃO

### *Documentos Anexos*



## 25 de Abril de 2018: Comemorar a Liberdade e o Desenvolvimento

A 25 de Abril de 1974 dava-se uma mudança radical na vida política do País. Uma Revolução. Uma Revolução “pacífica”. A “Revolução dos Cravos”: assim ficou na memória do Povo. Do povo português e de outros povos.

Portugal descolonizou, reconhecendo a liberdade e a autodeterminação dos povos e dos Estados soberanos de expressão oficial portuguesa.

Manteve uma das constantes e linhas de força desde a sua fundação como Estado-Nação: o compromisso com o Atlântico. A Norte, em termos de Segurança e Defesa, por intermédio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). E, mais a Sul, pugnando por uma relação política privilegiada com o Brasil e com os agora Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). E assumiu, logo em Março de 1977, pelo punho de Mário Soares, o pedido de adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE) e o compromisso europeu.

Desde então até hoje, estas continuam a ser as linhas de força da Política Externa Portuguesa, assumidas por todos os governos constitucionais. Nos últimos dois anos, o ministro dos Negócios Estrangeiros (MNE), Augusto Santos Silva, tem vindo a integrar no quadro das prioridades de trabalho da sua equipa, o reforço da política para as comunidades portuguesas – dada influência dos mais de 5,7 milhões de portugueses e lusodescendentes no mundo –, o multilateralismo, considerando o papel cada vez mais ativo de representantes nacionais nos *fora* internacionais - da União Europeia (UE), passando pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), até à Organização das Nações Unidas, entre outros exemplos - e a internacionalização da língua, da cultura, do saber, da ciência, do património, procurando-se, com esse esforço, a integração do País nas cadeias de valor globais. Porém, uma inserção marcada pelos valores

inscritos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), adotada pelas Nações Unidas a 10 de Dezembro de 1948.

Ora, quer no que concerne à política para os portugueses no mundo, quer no que diz respeito à internacionalização do País, e dos seus fatores de distinção, há um trabalho a fazer pelo poder local democrático que ainda se encontra nos primórdios do seu percurso.

Minhas senhoras e meus senhores,

O poder local democrático fez, nos últimos 44 anos, um percurso notável de desenvolvimento. É comum recordar-se a frase de mobilização dos três «D's» de Mário Soares: Descolonizar, Democratizar e Desenvolver. A ele e outros democratas como ele se devem muitas das conquistas que cada um desses conceitos comporta.

Mas, não há dúvida de que as sucessivas gerações de autarcas nas freguesias e nos municípios deste País alimentaram e mobilizaram, com os seus sonhos e as suas esperanças, a força transformadora das comunidades locais. O caminho. A luz. A casa. A escola. A saúde. Os equipamentos desportivos, culturais e recreativos. O apoio social e a criação de novas oportunidades de vida. A inovação e o empreendimento. A valorização do património histórico, cultural e ambiental. De mãos dadas com o poder central, em mudança e cada vez mais europeu, foi possível, a partir do poder local, ajudar a erguer um novo País. Mais europeu. Mais desenvolvido. Mais livre. Mais coeso. Com a certeza de que o desenvolvimento, entendido nos seus direitos sociais, económicos, culturais e políticos, é um caminho, individual e coletivo. De igualdade e cidadania, tal e qual como inscrito no Artigo 13.º da Constituição – Princípio da Igualdade. Aí se pode ler:

“1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a Lei;



2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social”.

Cumprir o conteúdo deste artigo no exercício das funções políticas é, no meu entender, o primeiro critério quando queremos falar do conteúdo do conceito de “desenvolvimento humano”. Com efeito, esses valores continuam a merecer a sua inscrição nos *objetivos de desenvolvimento do milénio – Agenda 2000-2015* no quadro da Organização das Nações Unidas (ONU): erradicar a pobreza e a fome; apostar no ensino universal; promover a igualdade de género e a capacitação das mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater a Sida, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; criar uma parceria global para o desenvolvimento. E a essência destes objetivos mantêm-se na denominada Nova Agenda da ONU 2015-2030. O que significa que, olhando para o mundo numa perspetiva global, há metas de trabalho que há muito Portugal e os portugueses já conseguiram superar. Também nós aqui em Baião. Num esforço que tem sido de todos.

Olhando para o conjunto das políticas e das práticas democráticas, o Município de Baião, nos seus órgãos representativos, trabalha para prosseguir, quotidianamente, esse critério e assim promover o desenvolvimento das pessoas, do território, dos seus recursos e para qualificar a democracia. E assim deve continuar a ser. Com essa prática, merecemos e honramos Abril!

Minhas senhoras e meus senhores,

Sei que há, também, um caminho a ser feito em termos de contributo para o aprofundamento da relação com os portugueses no mundo, com origem nos municípios, nomeadamente por intermédio dos Gabinetes de Apoio ao Emigrante (GAE). Estes gabinetes, em relação direta com a Direção Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas - com



representação em 148 países - têm a função de apoiar a saída e o regresso dos portugueses no exterior. Devem ser vistos como uma força de internacionalização dos municípios e do País. Com os portugueses no mundo, está o amor à terra, à língua e à cultura portuguesas, estão as empresas e a economia e estão os laços estabelecidos com sociedades e instituições dos países de acolhimento. Se a estas unidades acrescentarmos o estabelecimento e o aprofundamento das geminações com os municípios e as regiões onde os nossos concidadãos tenham um maior enraizamento, esta será, por certo, uma forma de afirmação internacional dos municípios e também da nossa terra.

Os municípios são e podem ser ainda mais um fator de internacionalização do País e da sua inserção na vida global. Em 2016, saíram de Portugal 100 mil portugueses. Desses, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), 60 por cento regressaram ao País num período inferior a um ano, o que significa que, de acordo com a ONU, não chegaram a ter a categoria de emigrantes. Nos dez primeiros países de destino deste fluxo migratório estão oito países europeus e dois de fora da Europa, Angola e Moçambique. Significa que o País e os municípios têm que adaptar as suas respostas políticas a estes fluxos sistemáticos de mobilidade dos seus cidadãos entre territórios à escala nacional e internacional. Sempre que me pronunciei no diálogo com os alunos das nossas escolas, ao longo dos anos que servi como autarca, sublinhei a necessidade de aprendizagem para uma cidadania global.

A par das redes sociais que promovem a comunicação à escala global, a mobilidade dos cidadãos - facilitada pela universalização no acesso às redes de transporte, em razão do mercado de trabalho, das oportunidades de negócio e de investimento, das necessidades de estudo e de investigação, por força da vontade de descoberta de destinos turísticos e do espírito de aventura - instituirá, pouco a pouco, um novo mundo em diária edificação. Colocam-se grandes desafios, é certo, mas abrem-se novas oportunidades. Há que saber preparar - informar, esclarecer - e saber servir quem, por diferentes razões, quer partir, mas, também, quem tem o desejo de regressar. Para aqui viver. Para aqui investir. O País, as regiões, os municípios e as freguesias devem estar abertos e com uma

vontade inequívoca para acolher e integrar os que hoje escolhem Portugal como terra de acolhimento.

Minhas senhoras e meus senhores,

Em todos os momentos e em todas as circunstâncias há dois elementos que têm que estar sempre no centro das opções políticas: as pessoas e os valores. Os valores da liberdade, da igualdade, da fraternidade.

Viva o 25 de Abril!

Viva Baião!

Viva Portugal!



José Luís Carneiro



Doc 2  
f

Exmo. Secretário de Estado das Comunidades e Presidente da Assembleia Municipal de Baião Dr. José Luís Carneiro,

Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Baião, Dr. Paulo Pereira

Exmos. Vereadores da Câmara Municipal de Baião,

Exmos. Presidentes das Juntas de Freguesias

Exmos. Presidentes das Assembleias de Freguesias e restantes elementos,

Exmos. Representantes das diversas associações e instituições do concelho,

Prezadas e Prezados concidadãos

Portugal celebra hoje a liberdade, a democracia, a igualdade e a prosperidade.

Há precisamente 44 anos nascia uma nova esperança para Portugal e para os Portugueses. Uma esperança corporizada por um conjunto de homens e mulheres livres que se insurgiram contra um sistema político bafiento e impregnado de vícios onde não era sequer possível expressar uma simples opinião. Vivíamos, portanto, num País castrador dos nossos sonhos, julgador das nossas opiniões e de portas fechadas para o Mundo onde a educação e o conhecimento eram secundarizados em detrimento do analfabetismo, da precariedade e da pobreza.

Por conseguinte, a revolução dos cravos abriu uma nova janela de esperança: da prosperidade económica e social à igualdade de género e gerações, sem esquecer a liberdade de escolha democrática.

Contudo, embora não tenha vivenciado esta alteração do paradigma político e social, cabe-me a mim, hoje, nesta assembleia celebrativa, fazer um balanço dos últimos 44 anos de Democracia.

Democracia significa dar o poder ao povo e, de facto, foi esta a intransferível conquista da revolução de 1974: a liberdade do povo entregar o poder a quem maioritariamente reconhece a capacidade para consubstanciar o sonho de abril e, diga-se, ao longo destes quarenta e quatro anos, a classe política foi respondendo com maior ou menor habilidade à demanda do povo no que concerne ao desenvolvimento económico e social: a liberalização da comunicação social, as sucessivas reformas do sistema educativo, das forças armadas, do sistema financeiro e do mercado de trabalho. Todas estas reformas e muitas outras, contribuíram fortemente para que hoje Portugal seja um País mais equilibrado, justo e equitativo.

Por não termos vivido este momento da história, não faz com que olhemos para

esta data de ânimo leve, a importância desta data reflete-se em cada pequeno pormenor das nossas vidas.

Refletamos: como seria outrora possível estar aqui hoje uma jovem mulher, licenciada, livre, com direito ao exercício de voto, eleita democraticamente para assembleia municipal e porta voz de um partido político a falar sem censura?

Por isto e por muito mais, hoje é também o dia de agradecermos a todos aqueles que lutaram e lideraram a revolução: aos capitães de Abril, que sem medo responderam ao apelo da “terra da fraternidade”, e a outras marcantes figuras políticas como Francisco Sá Carneiro, Mário Soares, Ramalho Eanes, Pires Veloso, que marcaram o período revolucionário e foram elementos catalisadores de uma transição para um País democrático sem radicalismos de esquerda.

Hoje é dia também de recordar e homenagear todos aqueles que, imbuídos do espírito de Abril, fundaram o Partido Social Democrata com o objetivo de servir Portugal na construção de uma sociedade mais livre, mais justa e igualitária: Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Magalhães Mota e a tantos outros milhares que ao longo destes anos deram o seu singelo contributo em prol do nosso País.

Renovar a nossa homenagem aos que muito contribuíram para o êxito deste ato libertador não implica que não analisemos friamente o caminho percorrido e assumindo a responsabilidade e reconhecendo eventuais erros e percalços deste percurso. Nem tudo são rosas, nem tudo são cravos mas, tal como disse Winston Churchill “A democracia é a pior forma de governo, exceto todas as outras que foram tentadas”. E, pese embora a sua imperfeição, é ainda possível fazer mais pelo sonho de Abril.

Por conseguinte, são vários e enormes os desafios que temos pela frente: o equilíbrio e sustentabilidade das contas públicas como meio para atingir o crescimento e desenvolvimento económico; a descentralização do Estado para gestão mais próxima e eficaz com os cidadãos; a sustentabilidade demográfica por vias de políticas natalistas e de proteção da maternidade; a aposta no sistema educativo e criação de condições de investimento propícias à criação de emprego jovem de forma a estancar os movimentos migratórios; reformar um sistema de saúde falido que promova estilos de vida mais saudáveis e previna doenças, atuando a montante dos problemas; e, por fim, um tema muito caro à nossa terra, um forte combate à desertificação do interior através de políticas de coesão territorial.

E eu, pergunto: e nós Baionenses aqui hoje presentes e com responsabilidades políticas, temos feito tudo que está ao nosso alcance para combatermos estas desigualdades territoriais e demográficas?

Caros e caras Baionenses,

Não podemos estar na linha da frente se continuarmos despreocupados com a baixa densidade populacional do nosso concelho e consecutiva incapacidade de renovação das gerações, e continuarmos a não ser capazes de desenvolver políticas de fixação dos nossos jovens para que se antagonize com um dos piores índices de envelhecimento do distrito e uma das piores taxas de natalidade.

Não podemos ter níveis de desenvolvimento mais consentâneos com a média dos territórios nacionais se não criarmos condições para a captação de investimento e, por conseguinte, a criação de emprego;

Não podemos almejar desenvolvimento económico proveniente do turismo rural e paisagístico se não formos promotores do investimento e refletirmos este eixo estratégico nas nossas políticas locais. A nossa carismática arte de bem receber conjugada com a prazerosa gastronomia, a qualidade dos nossos vinhos e os verdejantes vales banhados pelo nosso belo rio Douro são, tanto quanto foi o 25 de abril, uma janela de oportunidades.

A estagnação e o conformismo que são estados de espírito que vão contra os ideais de abril merecem : o ambicionar mais, o questionar mais e o fazer mais e, nesse sentido, faço votos para que os responsáveis políticos da nossa terra immortalizem os valores de abril: a liberdade das nossas escolhas, a abril igualdade de oportunidades e a prosperidade do nosso concelho.

Façamos jus à memória dos heróis de Abril e façamos sempre mais. E façamos sempre mais pelo futuro, pela liberdade, por Baião e por Portugal!

Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Baião  
Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Baião  
Exma. Senhora Porta-Voz da Bancada do PSD na Assembleia Municipal de Baião  
Exmos. Senhores Vereadores e Membros da Assembleia Municipal de Baião  
Exmos. Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Exmos. Senhores,

Comemoramos hoje, neste Salão Nobre, mais um aniversário do 25 de abril de 1974.

Enquanto representante, nesta cerimónia, do Partido Socialista na Assembleia Municipal de Baião não posso deixar de começar por prestar homenagem a todos aqueles que lutaram para que fosse possível a transição para um regime democrático.

Mas, também, devemos homenagear todos aqueles que posteriormente, desde o dia 25 de abril de 1974, lutaram pelo aprofundamento da democracia, pela aproximação de Portugal à Europa e pela integração na União Europeia, pela melhoria do sistema de educação e do sistema de saúde, pela maior facilidade no acesso à cultura.

Todos contribuíram para o desenvolvimento de Portugal e para que o 25 de abril marcasse um começo de uma nova vida em democracia e não apenas uma data que assinala o derrube de um regime autoritário.

Hoje, Portugal, pese embora todos os problemas pelos quais passou nos últimos anos, e as dificuldades com as quais ainda se confronta hoje em dia, é um país mais desenvolvido, moderno e em que todos os indicadores mostram que a vida da população portuguesa, em geral, melhorou.

Somos, ainda hoje, um país marcado pelos valores do 25 de abril: ainda há pouco tempo alguém se referia a Portugal como o último país em que os valores do socialismo democrático e da social democracia europeia são prevaletentes. Este é, também, um legado do 25 de abril, bem visível em políticas públicas que promovem a proteção dos mais desfavorecidos, a promoção de condições de igualdade no acesso à educação e aos cuidados básicos de saúde, a preservação de um regime de segurança social.

A

Por outro lado, Portugal afirmou-se na cena internacional, com personalidades de vulto nos mais altos cargos internacionais – ocupando o Eng. António Guterres um dos cargos de maior responsabilidade e exposição pública -, o que é bem demonstrativo da qualidade dos portugueses e da facilidade que temos, enquanto povo, de construir pontes entre as nações.

O 25 de Abril de 1974 é uma das datas mais importantes da história recente de Portugal. O Concelho de Baião é um concelho em que o impacto do 25 de abril e da vida em democracia se faz sentir de forma evidente, nomeadamente na melhoria das condições de vida, no acesso à educação e à cultura, na melhoria das vias de transportes e dos equipamentos à disposição da população.

Muito ainda há a fazer em Baião, mas é justo dizer que muito já foi feito e que o 25 de abril mudou a vida das populações de concelhos como o de Baião.

Esta Assembleia Municipal celebra de novo esta data e, como vem sendo hábito, fá-lo com convicção, de forma digna e empenhada. Assim o demonstra, aliás, o extenso programa de comemoração do 25 de abril, que, a par desta cerimónia, incluiu também a realização de uma conferência evocativa desta data no dia 22 de abril e a realização, no dia de ontem, de mais uma Assembleia Municipal de Jovens.

A luta pela liberdade impõe que os órgãos do Município de Baião e das Juntas de Freguesia transmitam para as novas gerações o conhecimento acerca dos acontecimentos históricos fundamentais da vida de um país e de um concelho, sem cuja ocorrência a vida da população mais jovem seria sem dúvida diferente.

Por último, sendo este o primeiro 25 de abril que se celebra neste mandato autárquico, queria saudar todos quantos concorreram às últimas eleições autárquicas no concelho de Baião.

O seu contributo, independentemente de terem ou não sido eleitos, e independentemente do cargo para o qual foram eleitos, é essencial para a vida democrática e para a preservação da cidadania no concelho de Baião. Costuma dizer-se que a democracia se constrói todos os dias, mas os atos eleitorais têm uma importância particular na definição do nosso futuro coletivo, sendo essencial que a participação seja feita de forma ativa e que diferentes alternativas políticas, democráticas, sejam colocadas à disposição dos eleitores.

A

Para aqueles que foram eleitos e têm pela frente um mandato autárquico a cumprir, desejamos as melhores felicidades, convictos que todos juntos, com ideias diferentes, mas muitas vezes complementares, poderemos contribuir para que as decisões e as políticas dos órgãos do Município de Baião e das Juntas de Freguesia sejam as melhores e sejam tomadas de forma esclarecida e com a participação empenhada de todos.

Viva o 25 de Abril  
Viva Baião  
Viva Portugal

Baião, 25 de Abril de 2018

Pedro Teixeira de Sousa  
( PORTA VOZ PS )



Doc. 4  
A

## **CÂMARA MUNICIPAL DE BAIÃO**

**Gabinete do Presidente**

### **Intervenção na Sessão Solene da Assembleia Municipal de Baião Comemorativa do 44º Aniversário do 25 de Abril (25 de Abril de 2018)**

Exm<sup>o</sup> Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exm<sup>a</sup> Mesa;  
Exm<sup>os</sup> Senhora e Senhor Porta-vozes das forças políticas com assento na Assembleia Municipal;  
Exm<sup>as</sup> Senhoras e Senhores Vereadores;  
Exm<sup>as</sup> Senhoras e Senhores Deputados Municipais;  
Exm<sup>a</sup> Senhora e Senhores Presidentes de Junta;  
Exm<sup>as</sup> e Exm<sup>os</sup> Representantes das várias Entidades aqui presentes – quero cumprimentar-vos na pessoa do Sr. Coronel de Infantaria Paulo Lourenço, do Instituto de Defesa Nacional

Caras e caros convidados;  
Caras e caros concidadãos,

Uma vez mais os ideais do 25 de Abril reúnem-nos nesta nobre sala dos Paços do Concelho. Uma vez mais encontramos-nos unidos num propósito tão singelo quanto nobre: o de honrar a memória dos que lutaram pela Liberdade e o de recordar a importância de uma cidadania activa e conseqüente em prol do bem comum.

Recordam-nos as acções daqueles que fizeram a Liberdade que, muitas vezes, não há ganho sem risco e que a vida do individuo é incompleta sem que se pense na Comunidade, no País, na Pátria.

O 25 de Abril de 1974, foi o ano de todos os riscos. Foi o ano que lançou as sementes do futuro; foi o ano no qual começámos a ganhar este presente que vivemos. E hoje sabemos que aquelas sementes, aquele acto abnegado, ganhou um País, uniu um Povo, levou mais alto uma Pátria.

Acredito que a “Revolução dos Cravos” vale pelo simbolismo que detém, pela sua capacidade de mobilização dos políticos e dos cidadãos em geral, num combate por uma sociedade mais justa. E acredito que é imbuídos pelos ideais de Abril que temos sabido enfrentar e ultrapassar as adversidades que se nos deparam, e que nos desafiam, como comunidade, como Povo e como Nação.

Exemplo das adversidades e desafios, do espírito de sacrifício, e de lutas por causas (mesmo que hoje as possamos questionar...) pode ser atestado na exemplar exposição de memórias e testemunhos “Baião pela Paz, Memórias da minha família” que retrata muito do dia-a-dia dos combatentes de Baião que

A.

serviram o seu país na guerra colonial, e que se encontra exposta no átrio deste Salão Nobre, sendo hoje simbolicamente inaugurada, em parceria com o Instituto de Defesa Nacional.

E vivemos, hoje, um tempo de muitas adversidades que se traduzem em igual número de desafios...

Temos vivido anos de sobressalto. Desde uma crise profunda que nos testou ao limite, sem ter erodido o cimento social, demonstrando a coesão que temos como Povo, até aos tristes acontecimentos do Verão passado em que tivemos que nos unir numa luta titânica contra os elementos da natureza, irmanados num objectivo comum.

E, tal como em 1974 um Povo inteiro olhou para os Soldados de Abril como os garantes da Paz e da Democracia, os dramáticos acontecimentos do Verão de 2017, viram confirmar os Bombeiros portugueses como os Soldados da Paz e exemplo maior da determinação e do altruísmo num espírito de comunidade por um povo e por um País.

É justo que numa efeméride na qual se recorde a memória de alguns dos heróis da História do nosso país e da nossa terra, se sublinhe igualmente a acção dos Bombeiros Portugueses em geral, e dos Bombeiros das Corporações de Baião e de Santa Marinha do Zêzere, em particular, e que aqui, nesta cerimónia, mais uma vez, nos prestam a sua guarda de honra!

Sabei que o País olha hoje para vós como exemplo de altruísmo, abnegação, de espírito de sacrifício e de serviço ao outro!...

Sabei que as nossas gentes olham para vós como garantes de segurança!...

E sabeis que perante vós está uma comunidade grata!

Mas aqueles acontecimentos do Verão quente de 2017 colocaram a nu situações de desequilíbrio do país e do estado nos quais urge reflectir e actuar. Situações que requerem um olhar e acções diferentes das que vêm sendo empreendidas, sob pena de adiarmos, mais uma vez, o futuro. O futuro de um país com realidades muito particulares e distintas e que requer, por isso, um olhar particular e distinto, contextualizado, ao mesmo tempo amplo e cirúrgico, vendo a floresta, mas também a árvore!...

Atualmente, cerca de dois terços da população portuguesa habitam numa estreita faixa a que se convencionou chamar de "litoral" e que, de forma genérica, se estende entre Setúbal e Viana do Castelo, com especial incidência nas Áreas Metropolitanas do Porto e de Lisboa. Serão mais de seis milhões de pessoas a habitar este corredor.

Segundo especialistas, a manter-se a actual tendência, estima-se que até 2040, perto de 80% dos portugueses irão estar a viver nesta faixa, e que até 2060, a Área Metropolitana de Lisboa terá quase tantos habitantes quanto a região Norte!

De forma simplista, há quem entenda que temos um país a duas velocidades, com duas realidades distintas. Uma económica e culturalmente mais dinâmica a ferver de criatividade e de gente; e a outra, em muitos aspetos, do lado



diametralmente oposto. O “litoral” e o “interior”. E essa visão estreita e redutora, muitas vezes de braços caídos, tende a ver o primeiro como uma terra de futuro, e o segundo como uma terra sem perspectivas...

Associa-se, muitas vezes, o “interior” a territórios despovoados, envelhecidos, pouco desenvolvidos...

Mas também a territórios longínquos e afastados dos centros urbanos. Essa visão redutora e errada de muitos, incorpora um pré-conceito e um preconceito inculcado ao longo de décadas. Primeiro porque o “litoral” necessita do “interior” para crescer e ser dinâmico. Depois porque o “interior” está paredes meias com os grandes centros urbanos, mas também porque o “interior” envolve os centros urbanos de média dimensão.

Aliás, o “nosso interior” começa a 30 km (ou a 20 min) da Área Metropolitana do Porto. E, em bom rigor, existem muitos “interiores” para caberem todos no mesmo saco dessa tal visão estreita.

Caras e caros amigos,  
Todos os que aqui vivemos, sentimos e acreditamos que estes são territórios de futuro.

Sabemos da imensa riqueza que possuímos, assente nos feitos e saberes ancestrais.

Conhecemos a capacidade de trabalho e o espírito de resiliência das nossas gentes e da sua vontade em lutar pela sua terra!...

Reconhecemos futuro nas marcas físicas do passado, na generosidade da natureza e nos nossos produtos endógenos.

E temos que ter uma voz mais activa no nosso futuro....

No futuro desta grande nação; neste pequeno, mas enorme país!

Temos, todos, que ser actores na mudança de um paradigma que concentra o investimento nacional e os fundos comunitários nas áreas urbanas e industriais, esquecendo, quase invariavelmente, a força das áreas agrícolas; o potencial económico dos territórios de altitude; das nossas florestas e bosques fervilhantes de vida; de serras exuberantes; de planaltos repletos de amendoeiras em flor ou extensas planícies povoadas por sobreiros e dos saberes ancestrais de um terço da população portuguesa.

É que nós, aqui deste nosso “interior”, sempre estivemos presentes, na construção permanente da nossa grande nação e do desenvolvimento do país!

Mas podemos contribuir ainda mais!...

Assim queiramos todos, mormente os nossos governantes e outros decisores, políticos ou não...

A.

Falta-nos assumir integralmente o espírito de coesão territorial que é uma das políticas estruturantes do projeto da União Europeia, nomeadamente através dos Fundos Comunitários. Aqueles fundos deveriam destinar-se, fundamentalmente, aos territórios que mais divergem da média europeia, no intuito de reduzir assimetrias de desenvolvimento. E, na realidade, aquilo a que assistimos é que os Fundos de Coesão, que tardam a chegar, não raras vezes são desviados dos seus verdadeiros propósitos.

Dois terços do território nacional está subaproveitado, tendo capacidade para contribuir muito mais para o PIB nacional. É necessário fazer chegar o financiamento a estes territórios, apoiar os seus projetos estruturantes, as suas instituições, as suas empresas, as suas pessoas...

E, para tal, é necessário compreender uma premissa simples: os Fundos de Coesão, são para a coesão territorial, para ações concretas: projetos reais indutores do desenvolvimento!

O rumo certo é o de debater as necessidades de um país assimétrico, unindo e não dividindo; apresentando projetos concretos para um país com realidades distintas.

E se é certo que se formos sempre pelos mesmos caminhos, chegaremos, sempre, aos mesmos lugares, estará, então, na altura de trilharmos novos caminhos...

E, num contexto (e no momento...) em que temos em cima da mesa um conjunto de propostas integrantes de um projecto arrojado de descentralização – que me parece muito importante - permito-me ir mais longe, ancorado numa Democracia madura e evoluída que estes 44 anos de prática adquirida nos permitem projectar.

Gostaria, assim, que esta Descentralização fosse como que uma antecâmara da Regionalização. E que, por isso, esta não fosse ofuscada por aquela...

A criação de entidades administrativas regionais, constitucionalmente validadas, dotadas de verdadeiro poder executivo e democraticamente eleitas que possam pensar estrategicamente uma região, administrar Fundos do Orçamento do Estado e da União Europeia, dialogando com autarcas e governantes do Estado central, mandatadas para administrar, decidir e executar pelos eleitores de uma região.

Precisamos de criar polos de desenvolvimento verdadeiramente regionais que permitam a cada região, a cada município, a cada cidadão ser uma voz activa e interventiva na construção do seu futuro, ...do nosso desenvolvimento!

E assim, neste dia em que celebramos a Revolução dos Cravos, permitam-me o atrevimento, com as devidas distâncias, de invocar a importância dessa revolução pacífica na estrutura administrativa do estado e do ordenamento do território através da Regionalização.

Não será a solução para todos os problemas, nem será perfeita porque é feita pelo homem. Mas por ser feita pelo homem, por uma nova geração de actores

A.

atentos às necessidades dos seus territórios e sabedores da importância do trabalho em rede; e para territórios e cidadãos com necessidades diversas e aspirações comuns, será a forma mais próxima do ideal da representatividade do estado, da inclusão social e da coesão nacional.

Caras e Caros amigos...

Encaremos, todos, o futuro com confiança e trabalhemos nele com o envolvimento de quem dá sempre o seu melhor. Com grande resiliência, grande empenhamento, grande motivação e alegria!. Para que Baião e os baioneses tenham o melhor e possam ir, sempre, mais longe.

Com todos contamos. Para bem de todos, de Baião, da região, do país!

Por um futuro ainda melhor, inspirado nos ideais de Abril!

Esse Futuro - que é já hoje -, que nos desafia, nos interpela, nos apela ... e nos une!

Um Futuro Promissor e Positivo, na medida em que depende, também, de cada um de nós!

Viva o 25 de Abril!  
Viva a Democracia!  
Viva a Liberdade!  
Viva Baião!

Paulo Pereira  
Município de Baião, 25 de Abril de 2018